

PUBLICACIÓN ANTICIPADA EN LÍNEA (Versión previa a la diagramación). La Revista Tesis Psicológica informa que este artículo fue evaluado por pares externos y aprobado para su publicación en las fechas que se indican en la siguiente página. Este documento puede ser descargado, citado y distribuido, no obstante, recuerde que en la versión final pueden producirse algunos cambios en el formato o forma.



A teoria ator-rede no encontro com as psicologias e os modos históricos: entre a crítica dos modos modernos e a proposição de versões amodernas

La teoría del actor-red en el encuentro con las psicologías y los modos históricos: entre la crítica de los modos modernos y la proposición de versiones amodernas.

Arthur Arruda Leal Ferreira
Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos
Jimena Carrasco Madariaga

Recibido:

Revisado:

Aprobado: Abril 21 de 2024

Cómo citar este artículo: Leal, A. A., do Amaral, M.V. & Carrasco, J. (2024). A Teoria Ator-Rede no encontro com as psicologias e os modos históricos: entre a crítica dos modos modernos e a proposição de versões amodernas. *Tesis Psicológica*, 19(1), X-X. <https://doi.org/10.37511/tesis.v19n1aX>

Resumo

O presente artigo visa explorar as relações estabelecidas e as relações possíveis entre a Teoria Ator-Rede, especialmente a desenvolvida por Bruno Latour, e saberes como as psicologias e os modos de produção históricos, buscando elementos para uma história da psicologia renovada. Em sua primeira parte, o artigo esboça cinco linhas relativas aos trabalhos de Latour sobre a Psicologia: (1) o entendimento desta como efeito do processo de purificação e separação moderno; (2) o entendimento da etnopsiquiatria de Tobie Nathan como alternativa a este processo; (3) o entendimento da Psicologia como conectável aos efeitos de produção de subjetividade dentro de uma perspectiva realista-construtivista; (4) a descrição de processos efetivos de produção de subjetividades operados pela Psicologia; e (5) a análise da Psicologia no contexto dos

modos de articulação e das redes políticas engendradas por distintos modos de pesquisar. Em seguida, o artigo expõe os diferentes modos de se considerar a história e a temporalidade, em formas alternativas às da História das Ciências tradicionais e, assim, mais próximas aos modelos de Michel Serres e ao princípio de simetria. Por fim, o artigo conclui com um balanço sobre os diferentes modos como se pode pensar o campo psicológico a partir da Teoria Ator-Rede.

Palavras-chave: Teoria Ator-Rede; Bruno Latour; Psicologia; História das Ciências; História da Psicologia.

Abstract

This article aims to explore the established relationships and possible relationships between the Actor-Network Theory, specially the developed by Bruno Latour, and psychologies and histories, with a specific focus on the possibility of a renewed History of Psychology. In its first part, the article outlines five lines related to Latour's work on Psychology: (1) its understanding as an effect of the modern process of purification and separation; (2) the understanding of Tobie Nathan's ethnopsychiatry as an alternative to this process; (3) the understanding of Psychology as connected to the effects of subjectivity production within a realist-constructivist perspective; (4) the description of effective processes of production of subjectivities operated by Psychology; and (5) the analysis of Psychology in the context of modes of articulation and political networks engendered by different ways of researching. Then, the article exposes the different ways of considering history and temporality, in alternative ways to those of the traditional History of Sciences and, in this aspect, closer to Michel Serres' models and the principle of symmetry. Finally, the article concludes with a discussion on the different ways in which the field of Psychology can be thought from the Actor-Network Theory.

Key-words: Actor-Network Theory; Bruno Latour; Psychology; History of Sciences; History of Psychology.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo explorar las relaciones establecidas y posibles relaciones entre la Teoría Actor-Red, especialmente la desarrollada por Bruno Latour, y las Psicologías y los modos de producción histórica, con un enfoque específico en la posibilidad de articulación con el campo una Historia de la Psicología renovada. En su primera parte, el artículo traza cinco líneas relacionadas con la obra de Latour en Psicología: (1) su comprensión como efecto del proceso moderno de purificación y separación; (2) la comprensión de la etnopsiquiatría de Tobie Nathan como alternativa a este proceso; (3) la comprensión de la Psicología conectada a los efectos de la producción de subjetividad dentro de una perspectiva realista-constructivista; (4) la descripción de procesos efectivos de producción de subjetividades operados por la Psicología; y (5) el análisis de la Psicología en el contexto de modos de articulación y redes políticas engendradas por diferentes formas de investigar. Luego, el artículo expone las diferentes maneras de considerar la historia y la temporalidad, de maneras alternativas a las de la Historia de las Ciencias tradicional y, entonces, más cercanas a los modelos de Michel Serres y al principio de simetría. Finalmente, el artículo concluye con una discusión sobre las diferentes formas en que se puede pensar el campo de la Psicología desde la Teoría Actor-Red.

Palabras clave: Teoría del Actor-Red; Bruno Latour; Psicología; Historia de las Ciencias; Historia de la Psicología.

A pergunta sobre a presença de pistas que possam servir de referência às pesquisas em história dos saberes psi na Teoria Ator-Rede (doravante TAR) não encontrará uma resposta tão generosa quanto a sua busca em outras perspectivas tais como as

arqueologias e genealogias de Michel Foucault. Entre os textos de seus autores mais conhecidos e presentes desde as primeiras formulações (Bruno Latour, Michel Callon, John Law e Anemarie Mol), as referências mais claras aos saberes psicológicos podem ser encontradas em alguns escritos de Latour (1987b, 1994, 2004, 2005 e 2011), ainda que seja importante encontrar em Law (2004) e Mol (2002) questões metodológicas cruciais. Referências ainda mais claras sobre o tema podem ser encontradas na Epistemologia Política (doravante EP) de Isabelle Stengers (1989, 1992a, 1992b, 1999) e Vinciane Despret (1999, 2004, 2009 e 2011). No conjunto deste capítulo, a contribuição destas autoras será considerada na fronteira e conexão com os trabalhos de Latour (2004).

Produção de mundos e modos de pesquisa

Como poderíamos caracterizar, para os leitores em primeiro contato com a TAR, esta abordagem? Um interessante ponto de partida é o princípio de simetria proposto pelo sociólogo da ciência David Bloor, posteriormente ampliado por Callon e pelo próprio Latour (1987b). Para Bloor, a possibilidade de existência de um Programa Forte em Sociologia da Ciência envolve analisar de acordo com as mesmas causas sociais os saberes reconhecidos como verdadeiros e os saberes tomados como duvidosos. Causas sociais (como ideologias, crenças, proto-ideias) serviriam para explicar não somente a Astrologia, a Alquimia e a Parapsicologia, mas efetivamente a Astronomia, a Química e a dita Psicologia baseada em evidências. Não haveria, pois, qualquer concessão de privilégio à ciência estabelecida, supondo mecanismos especiais de desenvolvimento a serem descritos pela Epistemologia e pela História das Ciências. As abordagens anteriores em Sociologia da Ciência (como a de Robert Merton), de uma certa forma, concediam um certo privilégio às ciências reconhecidas, além de, muitas vezes, se apresentarem hesitantes no que tange à importância de uma explicação social na constituição desses saberes. Com a ambição de ser forte, a Sociologia das Ciências não teria mais um papel secundário diante das formas tradicionais de explicar as ciências, como a Epistemologia, abrindo a possibilidade da constituição, ao mesmo tempo, de um campo de pesquisas diversas (atualmente conhecido como Estudos em

Ciência, Tecnologia e Sociedade), assim como uma longa e ampla região de controvérsias, notadamente com cientistas e epistemólogos (a chamada Guerra das Ciências).

Na perspectiva da TAR de Latour e Callon, o Programa Forte de Bloor, mesmo com o reconhecido valor do princípio de simetria, acabaria por inverter a suposta determinação natural do conhecimento (como proposta por parte das Epistemologias como a Neo-Positivista) por uma determinação social, coroada pelo saber sociológico¹. Na tentativa de evitar qualquer reducionismo prévio (em termos de uma explicação natural ou social) é que esses autores acabam postulando uma ampliação do princípio de simetria, incluindo a agência de entes humanos (ou sociais) e não-humanos numa produção heterogénica dos diversos modos de conhecimento. É dessa forma que serão buscadas as redes em que diversos atores atuariam na produção de entidades objetivas e subjetivas. Para estes autores, entidades com estes atributos não seriam o ponto de partida, mas sim de chegada, de todo um processo de purificação. Assim, a TAR (como também a EP) recusa qualquer tomada diferencial entre conhecimento científico e não-científico, humano e natural, pondo em questão qualquer processo assimétrico de evolução ou salto epistemológico, assim como qualquer diferença ontológica essencial.

Contudo, as contribuições singulares desse grupo não se interrompem nesse ponto. À diferença de algumas teses epistemológicas consagradas (como as do Neo-Positivismo), não haveria qualquer suposição do conhecimento como o enlace representacional dado na identidade entre uma sentença ou hipótese prévia e um estado de coisas a ser progressivamente configurado. Aqui, o conhecimento científico se constitui nos marcos de uma performance múltipla na articulação e na co-afetação entre diversos atores e na produção inesperada de efeitos, permeada por controvérsias. O que faz com que o conhecimento científico estabilizado, supostamente representante da natureza, seja efeito de uma série de polémicas, depurações e negociações. Mais do que qualquer racionalidade, é nesse jogo errante e múltiplo, no intercurso entre diversas entidades, que algumas ciências produzem ilhas de estabilidade. Portanto, o trabalho histórico aqui implica a superação de toda assimetria entre conhecimento

comum e científico (presente, por exemplo, no conceito de corte epistemológico), de qualquer concepção representacional e de qualquer tendência inerente à unificação do conhecimento, em detrimento de seus modos de articulação múltiplos e controversos.

Daqui decorre uma marca singular da TAR (como também da EP) no que diz respeito à multiplicidade dos saberes científicos. Quando se fala em multiplicidade, não estaria em questão as várias ontologias regionais produzidas pelos diversos modos de conhecimento, tais como reconhecidas pelo Racionalismo Aplicado de Bachelard e Canguilhem e pelo Paradigmatismo de Kuhn. De modo mais específico, todas essas abordagens epistemológicas (incluindo o Neo-Positivismo) identificam o limiar de cientificidade à unificação de regiões de conhecimento, seja via conceito de projeto e sua racionalidade (Racionalismo Aplicado), seja por meio da noção de paradigma (Paradigmatismo). De modo diverso, tanto para a TAR quanto para a EP, a multiplicidade é tomada num sentido mais positivo. Referindo-se especialmente às autoras da EP (Stengers e Despret), Latour (2004, p. 220) destaca essa tomada positiva: “a generalização deve ser o veículo para se viajar através do maior número de diferenças possíveis – então maximizando as articulações – e não uma forma de diminuir o número de versões alternativas do mesmo fenômeno”. Isso inverte completamente certas críticas ao estatuto científico da Psicologia por conta de sua pluralidade, como a estabelecida por Canguilhem (1966).

De modo semelhante, Mol (2002) e Law (2004) tomam a multiplicidade em um sentido positivo para diversos dispositivos científicos e técnicos a partir de uma concepção de políticas ontológicas. Para esses autores, mais do que representarem uma realidade pré-dada de diferentes perspectivas, as diversas práticas científicas produzem (to enact) mundos distintos (múltiplos) sem qualquer unidade última (singularidade), mas também não inteiramente desarticulados (o que configuraria uma simples pluralidade). É aqui que se faz a especificidade do termo multiplicidade: ela não seria uma anomalia perante um mundo único e singular, tal como conceberia a metafísica Euro-americana² (LAW, 2004, p. 25), nem apontaria uma pluralidade de eventos sem vínculo: “Nós estamos em um mundo em que corpos, ou organizações, ou máquinas são mais que um e menos que muitos. Algo no entre” (LAW, 2004, p. 62).

Um exemplo dessa multiplicidade performada pode ser encontrado no estudo de Mol (2002) sobre a arteriosclerose. Esta não seria entendida como um estado patológico inerente ao corpo a ser representado de diferentes perspectivas (seja na avaliação de tecidos em laboratórios ou em exames por médicos clínicos). Cada uma dessas práticas científicas performa (to enact) um modo de arteriosclerose, uma realidade patológica que não necessariamente se recobre, mas que também não é absolutamente disjunta. Daí o termo políticas ontológicas, pois cada método, cada prática científica, artefaz uma determinada realidade dentre outras possíveis. O que, no jogo com as demais práticas científicas, constitui um multiverso: composto por seres que seriam mais que um e menos que muitos. Como, nestes marcos, os saberes psicológicos podem ser considerados?

Latour e os cinco sentidos para psicologia³

Como Latour é o autor-chave (entre os clássicos da ANT) na exploração do tema da Psicologia e da sua história, tomaremos seus escritos como base, pondo-os em conexão com os textos de outros autores desta perspectiva (Law e Mol) e de perspectivas próximas como a EP de Stengers e Despret. Trabalharemos assim, algumas pistas que podemos buscar em Latour⁴ sobre a Psicologia, a temporalidade e a história. Sobre o primeiro ponto, é possível esboçar cinco linhas relativas aos trabalhos de Latour sobre a Psicologia:

1) Dentro de uma crítica à divisão moderna entre um domínio humano/social/político/subjetivo e outro natural/universal/científico/objetivo, onde os saberes psicológicos teriam como função operar como um estabilizador no primeiro grupo e as epistemologias no segundo (Latour 1987b, 1994, 1996a e 1999). Neste caso, natureza, sociedade, objetividade e subjetividade seriam efeitos de purificação (Latour, 1987b);

2) A partir de uma saída quanto aos modos modernos da Psicologia operar a partir da divisão e purificação modernas, alternativa esta representada pelos trabalhos de Tobie Nathan (conforme Latour, 1996a, 1998b e 2013);

3) Na proposta de uma abordagem da Psicologia conectável aos efeitos de produção de subjetividade dentro de uma perspectiva realista-construtivista (Latour 2003, 2004 e 2005);

4) Por meio da descrição de processos efetivos de produção de subjetividades operados pela Psicologia (Latour e Hermant, 2009);

5) Pela discussão dos modos de articulação e das redes políticas engendradas por distintos modos de pesquisar (Latour, 1997 e 2004) e complementadas especialmente por Despret (2011).

a. Divisões modernas

Passemos ao primeiro aspecto. Mesmo que os textos de Latour a ser examinados tenham sentidos e direções diversas (1989, 1994, 1996a, 1999 e 2011)⁵, todos têm como base a ampliação do princípio de simetria proposto por David Bloor (1976), que buscava problematizar a oposição nos modos de análise dos conhecimentos científicos e dos não-científicos. É assim que outras dualidades são simetrizadas e problematizadas em sua suposta diferença essencial: 1) Natureza X Humanidade/Sociedade; 2) Objetividade X Subjetividade; 3) Modernidade X Pré-Modernidade; 4) Civilidade X Primitivo. As oposições citadas não se recobrem, mas se tocam, especialmente as duas primeiras. A problematização da segunda divisão é que mais diretamente interessa e se apresentou como tema do livro *Pequena Reflexão sobre o Culto Moderno dos Deuses Feitiches* (Latour, 1996a). Indiretamente, e por aproximação, é possível utilizar a crítica à primeira divisão, presente como peça principal em diversos textos (Latour, 1989, 1994, 2001 e 2013). A tese ontológica é que todas estas divisões são próprias de recortes históricos específicos e localizáveis, como o debate no século XVI entre Robert Boyle e Thomas Hobbes, conforme a apropriação que Latour (1994) faz do texto de Shapin e Schaffer (1985)⁶. Para aquém dos processos de purificação, existiriam diversas configurações de híbridos ou feitiches⁷.

É importante conectar essa discussão com o realismo construtivista de Latour (2003), para o qual os dispositivos se constituem como reais quanto mais intensa e complexa é o processo de construção, sem a divisão tradicional entre realismo (apelando a uma suposta realidade intocável) e construtivismo (referido a um processo de artifício). Subjetividade e objetividade, assim como natureza e sociedade não são pontos de partida, mas pontos de chegada gerados por operações de purificação (Latour, 1994) ou drenagem (Latour, 2002), regulada por uma constituição moderna (Latour, 1994) e que teria como principal efeito multiplicar os híbridos (ibid.) e feitiches (Latour, 1996a). Nesse livro, em específico, a Psicologia é posta em causa, como grande herdeira, juntamente com a Epistemologia, da separação moderna entre subjetividade e objetividade. Divisão que atuaria como uma bomba de sucção, atraindo os entes para cada um desses polos de purificação (subjetivos e pessoais ou objetivos e reais). Do lado da Epistemologia, teríamos a discussão da produção dos fatos; do lado da Psicologia, teríamos o debate sobre os modos como se produz nossas crenças subjetivas, que seriam nosso resto de engano perante a razão científica. Nas palavras de Canguilhem (1966), a Psicologia se constituiria neste projeto como uma desculpa do espírito diante da razão científica.

b. Alternativas amodernas

A alternativa a esta divisão moderna aos modos de purificação/drenagem moderna estaria numa postura amoderna (nem anti-moderna, nem pré-moderna, nem pós-moderna; Latour, 1994). Esta postura se caracterizaria pela tomada positiva dos híbridos e dos processos de fabricação e purificação das entidades, nos seus mais diversos circuitos, como nossos modos de subjetividade. A alternativa a esta forma depurada, em geral representada segundo Latour pelas Psicologias, estaria presente no trabalho etnopsiquiátrico de Tobie Nathan (Latour, 1996a, 1998b e 2013). Com isso, entramos no segundo sentido das abordagens de Latour sobre a Psicologia.

O trabalho deste etnopsiquiatra iria na contramão dos esforços de outros especialistas desse campo, como Georges Devereaux, que sempre buscavam traduzir as experiências

de grupos não-ocidentais em termos de entidades internas e inconscientes, mais adequados aos modos republicanos franceses modernos (Latour, 1998b). A forma com que Nathan trabalharia os temas vinculados ao suposto campo da Psicologia não remeteria a uma operação de purificação, no refluxo de experiências diversas a entidades internas. Segundo este autor, grupos humanos não-ocidentais partilhariam com os ocidentais a convicção ontológica da existência de seres invisíveis (ou seres da metamorfose, Latour, 2013). Contudo, para os não-ocidentais, estes seres invisíveis não seriam entidades internas, pessoais e governadas por leis psicológicas universais. Essas entidades não estariam resguardadas pelas fronteiras subjetivas de um mundo de crenças e fantasias; esses seres coabitariam nosso espaço vital. O trabalho de Nathan se faria no reconhecimento e acolhimento de experiências não-modernas, trazidas especialmente pela clientela de imigrantes os mais diversos em território francês, sem traduzi-las em termos modernos, sem qualquer redução dos relatos às verdadeiras e últimas visões da nossa subjetividade. Melhor, haveria aqui uma multiplicação de versões de fabricação da nossa subjetividade, de nossos eus (Latour, 1998b), onde a intervenção pela influência é peça-chave⁸.

A maior parte das referências dos trabalhos de Latour ao tema da subjetividade envolve a crítica aos modos de ação da Psicologia⁹ enquanto formas de purificação moderna, apontando para uma alternativa ontológica por meio de práticas como a etnopsiquaitraia de Nathan ou ainda o perspectivismo ameríndio, destacado por Eduardo Viveiros de Castro (Latour, 1998a). Contudo, seria possível pensarmos uma tomada da produção de subjetividade como produção híbrida (pensando em uma psicologia das associações¹⁰) no mesmo sentido em que o antropólogo francês aborda o tema da produção da realidade por dispositivos técnico-científicos (Latour e Wooglar, 1979, Latour, 1987b). Aqui, teríamos os dois últimos sentidos, apontados em partes menos centrais de sua obra e que abririam pistas para alguns estudos de produção de subjetividade, notadamente por dispositivos sociotécnicos psi, que assim não se revelariam tão modernos (tema bastante trabalhado na literatura íbero-latino-americana: ver Ferreira e Madariaga, 2017). Passemos então aos demais sentidos, insinuados em parte não centrais de seus livros e artigos (Latour, 1997, 2004, 2005 e Latour e Hermant, 2009).

c. Produções de subjetividades e mundos

As melhores pistas de como Latour entenderia esta múltipla produção de subjetividade numa psicologia das associações (o terceiro sentido) estaria em dois textos específicos: *How to talk about the body?* (2004) e a tese sobre os plug-ins de subjetividade desenvolvida em *Reagregando o Social* (2005), ao trabalhar a versão do social como encontro face a face. A primeira pergunta que poderia surgir é: o que um texto sobre o corpo poderia nos instruir sobre produção de subjetividade? Aqui, recusando qualquer divisão moderna (como entre subjetividade e corpo), é possível tomar espinhosamente estes dois modos do mesmo processo de construção de híbridos, feitiches, quase-sujeitos, quase-objetos, como numa constante co-articulação e co-afetação de entidades heterogêneas¹¹. Nesse caso, teríamos a realização da própria atividade descritiva de seguir os atores (2005) e não apenas a atividade crítica tal como o próprio autor parece fazer. Aqui, o corpo não pode ser definido por “uma essência, uma substância, mas [...] uma interface que se torna cada vez mais descritível quanto mais ele aprende a ser afetado por vários elementos” (LATOURE, 2004, p. 205; grifo do autor). Como exemplo desse poder de ser afetado, Latour considera a aprendizagem de especialistas da indústria de perfume (também chamado de “narizes”) por meio de um kit equipado com odores com os quais, depois de um tempo de treinamento, os aprendizes seriam capazes de fazer distinções inteiramente novas. Para o autor, esse aprendizado não se daria apenas na aquisição de uma habilidade por um corpo natural, mas em sua construção recíproca com o mundo: “adquirir um corpo é, então, uma empresa progressiva que produz, de uma vez, um meio sensorial e um mundo sensitivo” (LATOURE, 2004, p. 207). Seria esse corpo articulado que permitiria o conhecimento do mundo (e de outros corpos) para coproduzir-se com este, registrando novas diferenças de novos modos e ampliando os contrastes entre os fenômenos anteriormente tomados como homogêneos: “articulação não significa falar com autoridade [...] mas ser afetado por diferenças” (LATOURE, 2004, p. 210).

De maneira ainda mais direta, podemos encontrar a reflexão sobre a composição da subjetividade em comparação com os plug-ins, como faz Latour em *Reagregando o*

Social (2008). Aqui, o autor está discutindo a possibilidade de abordar o social em uma suposta forma mais pura, no encontro face a face entre as pessoas. Mas, para Latour, mesmo as habilidades psicológicas supostamente mais puras, sejam afetivas ou cognitivas, não seriam entidades naturais das pessoas, mas seriam incorporadas, da mesma forma que um plug-in é instalado em um computador. Todo o material constitutivo dessas habilidades circula, encontra-se distribuído em uma série de materialidades e práticas, que constituem os psicomorfos, que são os formadores de nossa subjetividade. Assim, da mesma maneira que os romances e as telenovelas podem ser constitutivos de nossas afecções, as técnicas de cálculo podem ser geradoras de nossas formas cognitivas.

Talvez esse modelo de subjetivação por meio de plug-ins seja um tanto simplificado: da mesma forma que, para Latour, a realidade objetiva se produz por meio de amplas controvérsias, a produção de realidade subjetiva é, certamente, um processo tão ou mais instável e conflitante. O que torna a TAR interessante neste caso, mais do que sua “doutrina” estrita, é a possibilidade de uma proposta mais radicalmente construtivista e controversa na produção de subjetividade. Aqui, antes de passar a esta reflexão, tratemos do quarto sentido proposto por Latour.

d. Analisando um dispositivo

A quarta possibilidade de abordagem da Psicologia em ação é ainda mais minoritária nos trabalhos de Latour. Uma breve referência pode ser feita ao Plano 49 de Paris, Cidade Invisível, escrito em companhia de Emilie Hermant (2009). Aqui, Latour fala claramente de como os cidadãos de Paris fazem a assinatura de serviços psi, como os serviços terapêuticos ou modos de diagnóstico. Mas, aqui, as duas páginas deste plano acabam servindo mais como um menu degustação ou amostra grátis. Como ocorreriam aqui estas práticas de assinatura? Como ocorreriam aqui os processos de produção de subjetividade? Como poderíamos fazer tais estudos com o equipamento leve da TAR de que nos fala Latour (2005), seguindo os atores em seus modos de

composição, sem impor a eles o peso das grandes categorias explicativas, balizadas pelas dualidades modernas?

e. Políticas na pesquisa

A quinta possibilidade de discussão dos saberes Psicológicos se encontra na própria fronteira com a Epistemologia Política. Poderíamos dizer que os próprios pontos de contato com esta perspectiva estariam descritos nos dez pontos da Epistemologia S-D (Stengers/Despret), conforme enunciados por Latour (2004) em seu artigo “How to talk about the body?/Como falar do corpo?”. O que haveria em comum seria, não apenas uma concepção de conhecimento (anteriormente destacada), mas um campo crítico entrelaçado no que tange aos modos de pesquisa dos saberes psicológicos. Como avaliar os modos de articulação das diversas redes presentes no conjunto dos saberes psi? Para estas autoras, diferente das epistemologias clássicas, não há nenhum problema quanto à diversidade de versões (DESPRET, 1999), nem quanto à produção de subjetividades. Esse aspecto produtivo, seja de mundos ou de subjetividades, não é concebido pela EP (e pela TAR) como um resto parasitário ou como algo a ser evitado, mas como um aspecto próprio da produção de conhecimento. Despret e Stengers, no entanto visualizam outros problemas quanto aos saberes psi, para além de seu enraizamento em uma ontologia moderna (conforme os dois sentidos iniciais de Latour). Neste, de forma muito frequente:

- 1) As múltiplas versões buscam operar como visões últimas, tentando cancelar as demais (DESPRET, 1999);
- 2) Estas visões são, em geral, subservientes aos modos de objetivação das ditas ciências naturais, buscando mimetizar sua suposta objetividade por meio de seus conceitos, procedimentos, modos de inscrição e instrumentos (STENGERS, 1989);
- 3) Apresentam um modo de produção embasado na extorsão de seus testemunhos (STENGERS, 1989), não apenas pelo modo como as tarefas são demandadas, mas especialmente pela forma como esses testemunhos se colocam, raramente

apresentando problemas ou questões. Este terceiro ponto é especialmente destacado por Latour (2004), fazendo parte de um dos dez pontos da Epistemologia S-D. Se o conhecimento é entendido como articulação entre entidade diversas na produção de efeitos inesperados, os modos de conexão em cada dispositivo científico pode levar a um quadro de mais extorsão ou docilidade dos testemunhos (em que estes raramente levantam uma discussão do dispositivo) ou a um quadro de recalcitrância ou teimosia por parte dos participantes (em que estes problematizariam não apenas as hipóteses, como igualmente as questões e o sentido da investigação do pesquisador).

Essa modulação dos modos de articulação conduz à distinção feita por Latour entre a frequente docilidade e obediência à autoridade científica dos seres humanos em oposição à suposta recalcitrância dos seres não-humanos proposta por Latour (ibid., p. 217):

Contrário aos não-humanos, humanos têm uma grande tendência, quando colocados em presença de uma autoridade científica, a abandonar qualquer recalcitrância e se comportar como objetos obedientes oferecendo aos investigadores apenas declarações redundantes, confortando então estes investigadores na crença de que eles produzem fatos “científicos” robustos e imitam a grande solidez das ciências naturais.

Para este autor (Latour, 1997, p. 301), as ciências humanas só se tornariam realmente ciências se imitassem não a objetividade das ciências naturais, mas sim sua possibilidade de recalcitrância. Em outras palavras, podemos dizer que o grande problema da Psicologia não é sua capacidade de influir ou produzir sujeitos, mas seu modo de produção em geral ao extorquir/docilizar o testemunho destes, inibindo as possibilidades de recalcitrância. Com isso, ao buscar a “objetividade das ciências naturais”, frequentemente extorque seus pesquisados, produzindo, assim, subjetividades padronizadas. Como podemos entender isso de modo detalhado nas formas de trabalho em história da psicologia?¹² Passemos a algumas considerações da TAR sobre a história e a temporalidade.

Teoria Ator-Rede, História das Ciências e História da Psicologia

A Teoria Ator-Rede, especialmente a versão latouriana, também deixa algumas pistas em relação à temporalidade e à História das Ciências, que usaremos para pensar a História da Psicologia. De início, deve ser destacada uma discussão sobre a natureza do tempo na produção do conhecimento: entre o pressuposto de um tempo progressivo e em corte revolucionário com o passado, tal como propõe a história das ciências, e a singularidade de um tempo em espiral inspirado no trabalho de Michel Serres, apto a dar conta das ramificações em rede dos processos históricos (Latour, 1994). Paralelo às concepções representacionais do conhecimento, temos um suposto tempo marcado por um corte revolucionário, conectado com a suposta constituição moderna, em que humanos e não-humanos são separados. Essa constituição assim faria ao suprimir “as origens e os destinos dos objetos da Natureza e porque faz de sua súbita emergência um milagre” (ibid., p. 69). Assim, seria produzida uma imagem de tempo que se ajusta “a esta irrupção miraculosa de coisas novas que já existem desde sempre, e também a construções humanas que nenhum homem construiu” (ibid., p. 69). Ainda segundo Latour, essa seria a única forma de tempo apta a lidar com a ambiguidade da constituição moderna referente aos híbridos e especialmente para evitar “que as próprias coisas tenham sua história” (ibid., p. 69). A divisão moderna não apenas produziria esta história das revoluções totais que trataria das coisas eternas, mas geraria como subproduto uma segunda história que trataria “apenas da agitação mais ou menos circunstancial, mais ou menos durável dos pobres humanos separados das coisas” (Latour, 1994. p. 70). Nesse sentido, a assimetria entre natureza e cultura não apenas produz uma distinção entre passado (dados na confusão entre coisas e humanos) e futuro (onde estas entidades seriam separadas), mas entre os domínios de uma história científica, marcada por cortes, revoluções e progressos e uma história sem saltos ou glamour dos demais assuntos humanos.

O antídoto para esse tempo fraturado entre passado e futuro por revoluções e cortes, por um lado, e entre a história das ciências e a dos assuntos humanos, por outro, é a proposta de um tempo espiralado indicado por Serres (1992). Eis a forma como Latour (1994, p. 74) caracteriza esse tempo:

Suponhamos, por exemplo, que nós reagrupemos os elementos contemporâneos ao longo de uma espiral e não mais de uma linha. Certamente temos um futuro e um passado, mas o futuro se parece com um círculo em expansão em todas as direções, e o passado não se encontra ultrapassado, mas retomado, repetido, envolvido, protegido, re combinado, reinterpretado e refeito. Alguns elementos que pareciam estar distantes se seguirmos a espiral podem estar muito próximos quando comparamos os anéis. Inversamente, elementos bastante contemporâneos quando olhamos a linha tornam-se muito distantes se percorremos um raio. Tal temporalidade não força o uso das etiquetas “arcaicos” ou “avançados”, já que todo agrupamento de elementos contemporâneos pode juntar elementos pertencentes a todos os tempos. Em um quadro deste tipo, nossas ações são enfim reconhecidas como politemporais

Nesse tempo, em que não é possível avançar ou recuar, só é possível selecionar elementos de tempos diferentes: “É a seleção que faz o tempo, e não o tempo que faz a seleção” (Latour, 1994, p. 75). E é essa seleção do tempo que vem a produzir os tipos de história que Latour propõe no mesmo período dos seus escritos, mais exatamente na discussão quanto à singularidade da descoberta/invenção de Pasteur sobre os micro-organismos (Latour, 1996b e 1999) e, de modo mais preciso, na proposta de um construtivismo realista¹³ como alternativa amoderna de pesquisa. No entanto, este será o tema de um artigo sequente a ser trabalhado em maiores detalhes, especialmente pensando nos distintos modos de se pensar a História da Psicologia conforme os quatro modelos de história-descoberta, história- condicionamento, história-formação e história-construção.

Considerações finais

Ao longo deste capítulo, buscamos o lugar da psicologia na TAR (especialmente nos trabalhos de Latour), junto com a discussão dos modos de produção de conhecimento (incorporando também a EP), e concluindo na discussão dos modos de produção da História da Psicologia. Nesse percurso tanto pela TAR quanto pela EP, pudemos sustentar que a produção de mundos e subjetividades não é algo estranho à produção de conhecimento, mas sim, principalmente, sua parte integrante no que tange à articulação múltipla e híbrida de entidades diversas, especialmente em aspectos

históricos. O problema da Psicologia, de acordo com estas abordagens, não residiria na sua pluralidade ou em seu aspecto produtivo, mas nas relações de poder¹⁴: 1) entre as versões da psicologia (como nas psicologias em suas versões experimentais iniciais: entre o voluntarismo de Wundt, o estruturalismo de Titchener e a Escola de Wurzburg); 2) na relação de subserviência das psicologias com relação aos demais saberes ditos naturais (como a fisiologia, fonte de conceitos, instrumentos e rigor científicos); 3) no possível uso extorsivo de dispositivos docilizantes em relação aos sujeitos pesquisados (como na passagem de uma psicologia calcada em sujeitos treinados para sujeitos ingênuos). É a partir desse ponto de vista que propomos configurar os saberes e as práticas psi: compreendidos dentro de um processo de construção de conhecimento e subjetividades que implicam aspectos políticos, envolvendo atores humanos e não-humanos. Somente nesse quadro estaríamos trabalhando no marco de uma história da psicologia renovada: o marco de uma história social, mas de um social ou de uma possibilidade de associação composta de entidades não somente humanas (Latour, 2005), e, principalmente não-humanas: instrumentos científicos os mais variados (importados da Fisiologia, da Física, da Biologia, da Inteligência Artificial, etc) e seres vivos não humanos (ratos, cães, cavalos, chimpanzés, dentre outros) ...

Aqui, esses modos de conhecimento podem atuar na proliferação ou na redução do número de versões com que nos constituímos. No primeiro caso, estaríamos operando na mesma direção em que Foucault (1995) propunha sua ontologia histórica de nós mesmos. Assim, tais saberes e práticas poderiam operar não na direção de padronizar e docilizar modos de subjetivação, mas principalmente problematizar as formas mais comuns da vida e liberando outras possibilidades mais raras. Atuando, assim, na direção de modos de subjetivação e de produção de conhecimento menos ordinários e mais diversos. Sem qualquer princípio naturalizador prévio que arbitre sobre os assuntos cotidianos ou os fundamentos transcendentais de nossa existência. Pois, qualquer princípio só pode se definir na articulação diferencial e múltipla de nossas versões, presentes na materialidade de nossos dispositivos. Alguns, sem dúvida, majoritários, mas abrindo espaço para outros modos de existência, minoritários.

Referências bibliográficas

Canguilhem, G. (1966). Qu'est-ce que la psychologie. In: Cahiers pour l'Analyse, 2, 77-91.

Despret, V. (1999). Ces émotions que nous fabriquent. Etnopsychologie de l'authenticité. Le Plessis-Robinson: Synthélabo.

_____. (2011). Dôssie Despret: Os dispositivos experimentais. Fractal: Revista de Psicologia, Niterói, UFF, 23(1), 5-82.

Ferreira, A. (2012). Jamás hemos sido ingenuos (O dócil sí, pero ingenuo jamás): un estudio sobre la constitución del sujeto ingenuo en los laboratorios psicológicos In: Teoría del Actor-Red: más allá de los estudios de ciencia y tecnología. pp. 283-300. Barcelona: Amentia, 2012.

_____. (2020). How to study the construction of subjectivity with ANT? In: Blok, A., Farías, I.; Roberts C. The Routledge Companion to Actor-Network Theory. Nova York e Londres: Routledge Company, 2020.

Ferreira, A. A. L.; Foureaux, B.; Brandão, J. T.; Sodré, K. R.; Miguel, M. V. B. V. & Pereira, N. B. (2013). A produção de subjetividades em rede: Seguindo as pistas de uma divisão de psicologia aplicada. Universitas Humanistica, 76, 371-392.

Ferreira, A. & Madriaga, J. (2017). Campo CTS na América latina e domínios psi: pequena crônica de encontros e desencontros. In: Backchannels (4S). Accessed in: http://www.4sonline.org/blog/post/campo_cts_na_america_latina_e_dominios_psi_pequena_cronica_de_encontros_e_d.

Ferreira, A. A. L.; Carrasco, J. (2021). TAR y psicología: vastos pensamientos y pistas imprecisas. In: Rodríguez-Medina, L. et alli (Orgs.). La teoría del actor red desde América Latina. México DF: El Colegio de México, 2021

Foucault, M. (1995). Genealogia da ética. In: DREYFUSS, H.; RABINOW, H. (Org.). Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Latour, B. (1987a). Culture et technique. Les "vues" de l'esprit. Réseaux, 5(27), 79- 96.

_____. (1987b). Science in Action: How to Follow Scientists and Engineers through Society, Cambridge: Harvard University Press.

_____. (1994). Jamais fomos Modernos. São Paulo: Editora 34.

_____. (1996a). Petite réflexion sur le culte moderne des dieux faitiches. Paris: Éd. Synthélabo.

_____. (1996b). Pasteur e Pouchet: heterogênese da história das ciências. Em: Serres, M. (ed), Elementos para uma história das ciências. Lisboa : Terramar.

_____. (1997). Des sujets recalcitrants. Recherche, 301.

_____. (1998a). O exótico homem das cidades. Folha de São Paulo, São Paulo, 12 April. Mais!, 3.

_____. (1998b). Universalidade em pedaços. Folha de São Paulo, São Paulo, 13 September. Mais!, 3.

_____. (1999). Pandora's Hope. Essays on the Reality of Science Studies. Cambridge: Harvard University Press.

_____. (2003). The promises of constructivism. In: Don Ihde (editor) Chasing Technology : Matrix of Materiality, Indiana Series for the Philosophy of Science, Indiana University Press, 27-46.

_____. (2004). How to talk about the body. Body & Society, 10(2-3), 205-229.

_____. (2005). Reassembling the social: An Introduction to Actor-Network Theory. Oxford: Oxford University Press.

_____. (2011). Cogitamus: six lettres sur les humanités scientifiques. Paris: La Découverte.

_____. (2013). *An Inquiry of Modes of existence*. Cambridge: Harvard University Press.

Latour, B. & HERMANT, E (2009). Paris: *Ville Invisible*. Les empêcheurs de penser en rond.

Latour, B. & WOOLGAR, S. (1979). *Laboratory life. The social construction of scientific facts*. Beverly Hills, California, and London: Sage Publications.

Law, J. (2004). *After Method*. New York: Routledge.

Mol, A. (2002). *The body multiple: ontology in medical practice*. Durham: Duke University Press..

Serres, M. (1992). *Éclaircissements*. Paris : Burin..

Shapin, S. & Schaffer, S. (1985). *Leviathan and the Air-Pump: Hobbes, Boyle and the Experimental Life*. Princeton: Princeton University Press.

Stengers, I. (1989). *Quem tem medo da ciência?* São Paulo: Siciliano.

_____. (1992). *La volonté de faire Science*. Les empêcheurs de penser en rond.

Stengers, I. & Chértok, L. (1992). *A Critique of Psychoanalytic Reason: Hypnosis as a Scientific Problem from Lavoisier to Lacan*. Les empêcheurs de penser en rond.

Stengers, I.; Nathan, T. (1999). *Médecines et Sorciers*. Les empêcheurs de penser en rond.